



FARIA, Ronaldo. Campinas sem ânimo para festa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1988.

RONALDO FARIA

CAMPINAS — O município comemora hoje o seu 214º aniversário mas não tem muitos motivos para comemoração. Com cerca de 1,1 milhão de habitantes, segundo estatísticas municipais, a cidade é a segunda colocada em população do Estado, perdendo apenas para a Capital, e tem atualmente um parque industrial formado por mais de 2.500 estabelecimentos, produzindo desde chapéus até alta tecnologia — o que lhe confere o oitavo lugar nacional em arrecadação em ICM. Contudo, hoje o campineiro irá descobrir grandes projetos e suas obras, nas áreas de transportes urbanos, abastecimento de água e saneamento básico, além da reurbanização do centro, praticamente paralisados, por falta de verbas federais — retidas depois da determinação 1.464 do Banco Central, que congelou a sua liberação aos municípios. Segundo o prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, isto compromete diretamente o que considera essencial para o futuro: a manutenção da qualidade de vida.

O município começou, como povoamento, a partir de 1739, com a chegada de Francisco Barreto Leme — instalando-se no antigo pouso de tropeiros, que rumavam ou retornavam de Goiás e Mato Grosso, conhecido então como Campinas do Mato Grosso. Mas a sua data de fundação é considerada 14 de julho de 1774, quando frei Antônio de Pádua inaugurou a capela provisória de Nossa Senhora da Conceição, sendo criado um ano mais tarde o distrito de Conceição de Campinas, como parte de Jundiá. A freguesia chega a vila com nome de São Carlos, em 1797, e só em 1842 consegue a elevação à cidade.

Com uma superfície de 781 quilômetros quadrados, sede da 5ª Região Administrativa, Campinas tem atualmente uma taxa de crescimento de 5,9% ao ano e um saldo migratório elevado, atingindo no período de 1970 a 1980 um índice de 61,27%. O fluxo migratório para a cidade é dividido em 63,8% do próprio Estado, 11,5% de Minas Gerais, 8,7% do Paraná e os outros 16% do restante do País. E é este crescimento que preocupa a administração municipal.

"Esta é uma das características básicas de Campinas: o alto crescimento" — afirma o prefeito Magalhães Teixeira. "Por isso mesmo, precisamos lutar constantemente para manter o nível de vida, a sua qualidade." Prevendo que apenas uma política nacional, de apoio principalmente ao homem do campo, poderá reduzir o fluxo migratório no Brasil e, assim, em Campinas, Magalhães Teixeira crê, porém, que o futuro é incerto para a cidade e o crescimento o maior problema que as administrações terão de enfrentar neste fim de século.

DOIS MILHÕES

As previsões estatísticas mostram que o município deverá chegar a dois milhões de habitantes no ano 2000 — mantendo-se os atuais números, que em mortalidade infantil, por exemplo, são de

apenas 25 em mil. Este crescimento agrava os problemas de infraestrutura. No setor de habitação, por exemplo, há um déficit acentuado. Hoje, existem 28 mil pessoas à espera de uma casa da Cohab e 80 favelas em Campinas, abrigando 49 mil pessoas em 9.700 barracos e 2.500 casas de alvenaria. A região que mais cresce populacionalmente é a Sudoeste (com 30% dos moradores da cidade), expandindo os limites do município para além da via Anhangüera. Uma das obras paralisadas por falta de verbas beneficiaria esta região.

A obra — dois túneis de 400 metros sob a linha da Fepasa — ligará a região Central à Sudoeste, unindo ainda, num novo sistema viário, duas vias expressas, a Lix da Cunha e a Aquidabã. Atualmente, apenas 50% dos túneis estão prontos. Concluídos eles abrem a região a uma ligação mais eficiente com o centro, além de viabilizarem a ocupação da Vila Industrial — um bairro que, sem acesso eficaz à área central (está delimitado pela linha da Fepasa), estagnou. Como o município tem um carro para cinco habitantes, o projeto prevê que os túneis desafogará também o centro nos horários de pico.

Sem as verbas da Caixa Econômica Federal e do Banco Nacional de Desenvolvimento Social, Campinas está ainda com outros projetos praticamente paralisados, como a recuperação de fundo de vale e a canalização do córrego Piçarrão, que corta toda a cidade, a construção de vias marginais nas proximidades e a instalação de interceptores de esgoto e adutoras de água. Dos 5,5 quilômetros previstos em projeto, 80% já estão concluídos na parte de canalização. Mas 70% da verba da Caixa Econômica ainda está retida.

A implantação do sistema trólebus (com 12 quilômetros e cinco terminais previstos) e a ampliação em 300 leitos do Hospital Municipal "Mário Gatti" são outras obras em ritmo lento — pendentes de verbas federais. "São obras essenciais, lembra o prefeito Magalhães Teixeira, e que, por isso mesmo, certamente terão as verbas liberadas, pois Campinas precisa delas." O prefeito enfatiza que o município, com perspectivas de dobrar sua população nos próximos 12 anos, depende destas mudanças para manter a expectativa na boa qualidade de vida.

Atualmente, os projetos estão em andamento com arrecadação própria da prefeitura que obteve com o parque industrial do município, até abril deste ano, Cz\$ 5 bilhões e 800 milhões em ICM — correspondente a todo o valor arrecadado em 1987. Com um parque industrial diversificado, onde os setores de tecnologia de ponta e desenvolvimento de fibra ótica surgem como prioritários para o próximo século, principalmente na criação de um pólo de alta tecnologia, o município comemora, assim, não só 214 anos, mas como afirma Magalhães Teixeira um futuro melhor: "O importante é que todos que migram para aqui passem a fazer parte efetiva da cidade, lutando por ela".



Waldemar Padovani/AE

Campinas comemora 214 anos, sem festa, e reclamando verbas do governo federal



Waldemar Padovani/AE

Os grandes projetos viários estão parados, falta verba